

O IDEÁRIO DO SONHO AMERICANO NA OBRA “CASA DE AREIA E NÉVOA”, DE ANDRE DUBUS III

Rosamaria Borges Vieira Feracin¹

Resumo: O presente trabalho analisa a abordagem do “sonho americano” na obra escrita “House of sand and fog”, do autor norte-americano André Dubus III (1999), e na sua adaptação fílmica, realizada em 2003. O “sonho americano”, traduzido como o sonho de uma vida melhor, de sucesso financeiro, é desmoronado na obra estudada. Analisa-se a antítese vivida pelo personagem central – Coronel Behrani, um iraniano - de que o sonho americano para os imigrantes, na verdade, é pesadelo. Considerando-se que a questão do sonho americano é tratada como pano de fundo nas obras analisadas, conclui-se, à luz das teorias da narração literária e cinematográfica, que na obra escrita a abordagem do sonho americano é realizada de forma mais explícita, a questão do sonho americano é tratada de forma mais aberta; na adaptação fílmica, a abordagem do sonho americano é realizada de forma mais implícita, subliminar.

Palavras-chave: sonho americano; imigrantes; pesadelo; recursos narrativos; explícita; subliminar.

¹Acadêmica do 3º ano do Curso de Letras Inglês e Literaturas Correspondentes da UNICENTRO – Universidade Estadual do Centro Oeste – Guarapuava/PR. Conclusão: 2008.
Advogada. Graduada em Direito pela Faculdade Estadual de Direito do Norte Pioneiro – Jacarezinho/PR.
Pós-Graduação “lato sensu” em Direito Empresarial pelo Inbrape e OAB/PR – Londrina/PR.

Abstract: This paper analyzes the treatment that it is given to the “American dream” in the book and film “House of Sand and Fog”, written by Andre Dubus III. The American dream is the dream of a better life, of financial success and it is destroyed in this novel. It is analyzed the conflicts lived by the main character – Colonel Behrani, a Persian - that lives a nightmare, instead of the american dream. Considering the narrative resources used in both book and film, it is possible to conclude that in the book the question of the American dream is treated more openly. In the film, the American dream is treated in an implicit way.

Key-words: American dream; immigrant; nightmare; narrative resources; explicit; implicit.

Introdução

O presente trabalho pretende analisar a forma de abordagem do sonho americano - principalmente na sua representatividade para os imigrantes - na obra escrita “House of sand and fog”, de André Dubus III (1999), e na sua adaptação fílmica, realizada em 2003, partindo-se da seguinte questão: Quais conclusões podem ser auferidas dessa abordagem? Uma delas é a de que, na obra escrita, a abordagem do sonho americano é realizada de forma mais explícita, a questão do sonho americano é tratada de forma mais aberta; na adaptação fílmica, a abordagem do sonho americano é realizada de forma mais implícita, subliminar. Considerando-se que a questão do sonho americano é tratada como pano de fundo na obra analisada, este artigo surge como uma possibilidade interpretativa do romance, no qual procura-se demonstrar como o sonho americano é tratado na obra escrita, comparando-o com o enfoque dado ao tema na adaptação fílmica.

Vale dizer que vários estudos vêm sendo desenvolvidos por diversos profissionais, tais como historiadores, sociólogos, filósofos, psicanalistas e outros, sobre a questão do sonho americano. O historiador Roy Porter dedicou um capítulo de seu livro *Uma História Social da Loucura* (1990) ao sonho americano. O autor André Dubus III aborda essa temática em sua obra “House of Sand and Fog”, de maneira inteligente e perspicaz.

O sonho americano

“Venham a mim as massas exaustas, pobres e confusas ansiando por respirar liberdade. Venham a mim os desabrigados, os que estão sob a tempestade. Eu os guio com

minha tocha". Essa é frase escrita no pedestal da Estátua da Liberdade, localizada no porto de Nova York, desde 1886.

Cento e dez anos antes, em 1776, no documento intitulado *Declaração unânime dos Treze Estados Unidos da América*, Thomas Jefferson declarou: “Acreditamos que estas verdades são evidentes por si mesmas, que todos os homens foram criados iguais e que foram agraciados pelo Criador com certos direitos inalienáveis e que entre estes estão: a vida, a liberdade e a procura da felicidade.”

Segundo Angélica Bito², “o conceito do sonho americano surgiu no pós-Segunda Guerra Mundial, quando os EUA começaram a se firmar como grande potência mundial. Desde então, o sonho de uma vida melhor tem sido nutrido não somente pelos cidadãos americanos, mas também pelos estrangeiros que se mudam para lá a fim de encontrar uma sobrevivência mais digna.”

Para Marcos Costa Melo³, “salvação individual, sucesso, conquista, indivíduo sozinho enfrentando o mundo, terra da liberdade, qualquer um pode ser o que quiser. Em síntese, estes são alguns dos preceitos do ‘sonho americano’, uma filosofia de vida que tornou-se a própria identidade dos Estados Unidos perante o mundo e, principalmente, a si mesmos.”

Roy Porter escreveu, em sua *História Social da Loucura* (PORTER, 1990) um capítulo dedicado à temática do “american dream”. O autor faz a análise de casos de pessoas internadas em clínicas psiquiátricas que não foram capazes de suportar as pressões e conseqüências desse sonho - tal qual o protagonista da obra aqui analisada, o personagem Coronel Behrani, um imigrante iraniano.

² BITO, Ângela. Casa de Areia e Névoa. Disponível em: <http://br.cinema.yahoo.com/filme/11196/critica/8891/casadeareiaenevoa>.

³ MELO, Marcos Costa. Disponível em: <http://www.cfh.ufsc.br/labhiss/americano.htm>.

Roy Porter traz à tona as contradições da sociedade americana, ilustrando a ilusão do "sonho americano", que levou pessoas à loucura, pressionadas por um sistema que “prega uma coisa, mas age de outra, que oferece uma coisa, mas cobra ainda mais.” (MELO, *op. cit.*).

O “sonho americano”, ideário de muitos estrangeiros, principalmente advindos dos ditos “países subdesenvolvidos”, consiste na crença de que os Estados Unidos são a terra da oportunidade, do trabalho, do emprego digno; o lugar em que o sucesso é um direito de todos, independentemente de raça ou nacionalidade.

Contudo, ao que tudo indica, as impactantes e comoventes frases contidas na Estátua da Liberdade e na *Declaração unânime dos Treze Estados Unidos da América* não passam de letra morta para imigrantes que desembarcam na “terra prometida” em busca do sucesso, dinheiro, estabilidade, enfim, em busca de uma vida melhor.

Na verdade, o “sonho americano” traduz-se em pesadelo para muitos estrangeiros que, na maioria das vezes, quando conseguem ingressar na terra “tão sonhada”, sofrem os mais variados preconceitos, perseguições e são marginalizados pela sociedade norte-americana.

A obra

A obra “Casa de Areia e Névoa” tem como trama central a história de duas personagens: Kathy Nicolo e Massoud Amir Behrani. Kathy é uma ex-alcóolatra que fora deixada pelo marido, o que lhe desencadeou uma grave depressão. Sua depressão chegou ao ponto dela não abrir sua correspondência durante meses. Esse erro lhe custou a casa que herdou de seu pai, pois numa dessas correspondências estavam diversas notificações sobre impostos atrasados, que, saliente-se, foram cobrados injustamente de Kathy, que não os devia. Já Behrani é um ex-coronel da polícia do Irã no regime do Xá, que foge com sua família (dois filhos e esposa) para os Estados Unidos – país no qual teria mais chances de manter o padrão

financeiro a que era acostumado no Irã - quando os aitolás tomam o poder. Morando nos Estados Unidos, encontra-se em outra posição. Antes um homem com dinheiro e poder, é obrigado a trabalhar em dois (sub)empregos para tentar arcar com o padrão de sua família, mantido a duras penas até conseguir um ótimo casamento para sua filha Soraya.

Em um anúncio no jornal, Behrani vê a grande chance de mudança na sua vida e de sua família: uma casa perto da praia vai a leilão. É justamente o antigo lar de Kathy. O coronel bate o martelo por um quarto do preço de mercado e logo se muda para lá. E é aí que começam os problemas. Kathy, que a esta altura, está morando em seu carro, não se conforma com a venda da casa e vai até as últimas conseqüências para reavê-la. E Behrani, por sua vez, não abre mão de seu sonho.

Na verdade, a casa representa para Behrani a conquista do sonho americano: a oportunidade do sucesso financeiro, a possibilidade de recobrar parte do luxuoso estilo de vida com o qual se habituou no Irã, onde era um militar influente no governo. Além disso, o imigrante conta com o dinheiro que irá ganhar com a venda do imóvel para poder bancar os estudos do filho caçula (Esmail) e, como se não bastasse, ainda enxerga, na propriedade, um reflexo de sua antiga casa de praia.

Por fim, após muitos conflitos, brigas, sofrimento e angústia, tudo em decorrência da luta de ambos os protagonistas pela casa, a história acaba em tragédia. Esmail, o filho caçula de Behrani, é morto por policiais e Behrani, não suportando tal fato, suicida-se e mata sua esposa envenenada, a fim de lhe poupar o sofrimento de saber que seu filho está morto.

Sonho ou pesadelo?

Em busca do sonho americano, o destino escolhido por Behrani é os Estados Unidos, país que poderia lhe proporcionar um futuro melhor. Após entregar inúmeros currículos e

participar de muitas entrevistas, o máximo que ele consegue é um emprego de operário em uma companhia de estradas e rodagens durante o dia e de balconista de uma loja de conveniência durante a noite.

Não bastasse isso, por se tratar de um imigrante iraniano, o personagem é muitas vezes humilhado por alguns norte-americanos e percebe que o “sonho americano” não será facilmente conquistado.

O livro

A obra, publicada em 1999, foi uma das finalistas, na categoria ficção, do “National Book Award”, importante prêmio de literatura nos Estados Unidos.

O livro é narrado em primeira pessoa e os narradores são os dois personagens principais da obra, que narram as histórias de suas vidas e relatam os acontecimentos da trama.

À luz da teoria do foco narrativo, aqui temos o que Friedman chama de *Narrador-protagonista*, a qual Alfredo Leme Coelho de Carvalho explica (COELHO, 1981): “a visão do narrador não é periférica: é central. O narrador-protagonista é um personagem que, por definição, é atuante, não podendo ser, ao mesmo tempo, espectador, crítico ou colecionador de opiniões alheias.”

O autor utiliza muito o recurso do fluxo de consciência das personagens, o que cria um espaço psicológico, onde se expõe os pensamentos dos mesmos. Com essa técnica narrativa, os dramas, os medos, as angústias e as insatisfações dos protagonistas são mais explícitos.

Outra técnica também bastante utilizada pelo autor é a narrativa em “*flashback*”, na qual são apresentados ao leitor os acontecimentos passados dos personagens, o que acontece

em escala bem menor na adaptação filmica, tal qual ocorre com a técnica do fluxo de consciência.

É somente na obra escrita que sabemos exatamente como se deu a saída de Behrani e sua família do Irã. Outrossim, conhecemos outros personagens que também perseguem o sonho americano, que no filme não nos são apresentados: Tran, um vietnamita; Torez e Mendes, panamenhos. Esses personagens são companheiros de trabalho de Behrani e também lutam, diariamente, para obterem seu “lugar ao sol”.

No livro, o personagem-narrador (Behrani) relata vários acontecimentos cotidianos, onde percebemos toda a sua indignação e sofrimento em relação a sua condição de imigrante, com muito mais intensidade do que no filme.

O sonho americano, mais especificamente, as conseqüências trágicas desse sonho, é demonstrado pelos próprios personagens em uma narrativa “nua e crua”, principalmente através dos dramas psicológicos vividos pelo protagonista imigrante.

O filme

A adaptação filmica foi realizada em 2003, pelo diretor russo Vadim Perelman. A nosso ver, o intento obteve êxito. O diretor conseguiu fazer uma adaptação a contento, trazendo ao expectador a essência da obra literária de Andre Dubus III. Porém, não é objeto deste artigo esse tipo de análise.

No filme, não há a figura de um narrador. Trata-se de uma narrativa “objetiva”, onde a história “conta-se por si mesma”, como já afirmou Tânia Pellegrini (PELLEGRINI).

O diretor soube captar os momentos de fluxo de consciência mais importantes do livro, e ao expectador são mostrados, com maestria, os conflitos internos vividos pelo imigrante iraniano.

Porém, a maneira de abordagem do sonho americano é realizada de forma mais implícita, subliminar. Primeiramente, pelo fato da supressão do narrador em primeira pessoa, que, no livro, dá vazão ao personagem de Behrani – interpretado brilhantemente por Ben Kingsley – mostrar seus mais profundos sentimentos e revolta contra o modo de vida norte-americano e o preconceito da sociedade norte-americana em geral para com os imigrantes.

Outrossim, pelo fato de não haver a dramatização de algumas passagens do livro que mais claramente retratam a questão do sonho/pesadelo americano, principalmente no que tange à discriminação dos imigrantes, entre elas uma em que Behrani profere palavras de baixo calão (em voz muito baixa, numa espécie de monólogo interior) contra um americano que o melindra pelo seu inglês carregado com forte sotaque iraniano.

Conclusão

O que se conclui é que na obra escrita a abordagem do sonho americano é realizada de forma mais explícita, a questão do sonho americano é tratada de forma mais aberta; na adaptação fílmica, a abordagem do sonho americano é realizada de forma mais implícita, subliminar.

Isto dá-se pelo fato de que no livro há mais espaço para o fluxo de consciência dos personagens-narradores, que abre caminho para que estes expressem suas angústias, medos, problemas, dividindo-os com o leitor.

Contudo, há que se dizer que a abordagem do sonho americano, tanto na obra escrita como na sua adaptação fílmica, é bem articulada. Inobstante essa temática ser tratada como pano de fundo, percebe-se, claramente, a dura crítica feita pelo autor – e igualmente transmitida pelo diretor do filme – ao estigma do sonho americano, ao quanto o apego

excessivo ao materialismo pode destruir uma família e ao quanto os norte-americanos estão longe de ser uma nação acolhedora e livre de preconceitos.

Referências

ALLEN, Walter. **O sonho americano e o homem moderno**. Rio de Janeiro: Lidoor. 1972.

CARVALHO, Alfredo Leme Coelho de. **Foco narrativo e Fluxo da Consciência. Questões de Teoria Literária**. São Paulo: Pioneira. 1981.

JOHNSON, Randal. Literatura e cinema, diálogo e recriação: o caso de Vidas Secas. *In: Literatura, Cinema e Televisão*. São Paulo: Senac São Paulo.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes Leite. **O foco narrativo**. São Paulo: Ática. 1989.

MASINI, André. **Literatura e Cinema**. Disponível em <http://www.casadacultura.org/andre_masini/artigos/2004>. Acesso em: 02.out.2006

PELLEGRINI, Tânia. Narrativa Verbal e Narrativa visual: Possíveis Aproximações. *In: Literatura, Cinema e Televisão*. São Paulo: Senac São Paulo.

PORTER, Roy Sidney. **Uma história social da loucura**. São Paulo: Jorge Zahar. 1990.

XAVIER, Ismail. Do texto ao filme: a trama, a cena e a construção do olhar no cinema. *In: Literatura, Cinema e Televisão*. São Paulo: Senac São Paulo.